

A CATARSE N' "OS LUSÍADAS"

José Valdivino

Na sua beleza fluente e majestosa que eternizou o poema de Camões, páginas essas que esplendem continuamente através de quatro séculos, palpita a alma gigantesca do "peito ilustre português, a quem Nenuto e Marte obedeceram".

Alexandre Herculano, na sua História de Portugal, escreveu: "Resumindo o pensamento do seu tempo, Camões, em "Os Lusíadas", dedicados ao descobrimento da Índia, lança, com pincel divino, os lineamentos principais das nobres recordações da Idade Média".

Para levar à frente a grande empresa, foi que o Épico imenso pediu "uma fúria grande e sonora", pediu "tuba canora e belicosa", pediu "igual canto aos feitos da famosa gente vossa, que a Marte tanto ajuda".

E foi, num rasgo de pensamento e antevisão das coisas, que, também, pediu que "se espalhe e se cante no Universo", a sua comovente poesia.

Já o 2º Canto de "Os Lusíadas" tem nos seus versos as angústias da Marinha ilustre, no empenho de conquistar o mundo, em busca das Índias distantes. Aqui, é o rei de Mombaça com seu convite ardiloso. Ali, a traição dos mouros. E tal foi a angústia, que chega ao conhecimento de todos a voz de Vasco da Gama, vendo desvendada a trapaça inimiga:

"Oh caso grande, estranho e não cuidado!
Oh milagre claríssimo e evidente!
Oh descoberto engano inopinado!
Oh pérfida, inimiga e falsa gente!
Quem poderá do mal aparelhado
Livrar-se sem perigo sabiamente,
Se lá de cima a Guarda soberana
Não acudir à fraca força humana?"

É o Canto 3º um dos mais ensanguentados, pingam de cada verso gotas de amargura. As lutas contínuas, as guerras de cada passo, os entrechoques de cada dia, vezes na terra, vezes no mar, o esforço hercúleo da

soldadesca lusa, na dinamização das guerras contra os mouros — tudo significa heroísmo, o que leva Camões a narrar:

“A matutina luz serena e fria,
As estrelas do Polo já apartava;
Quando na Cruz o Filho de Maria,
Amostrando-se a Afonso, o animava.
Ele adorando quem lhe aparecia,
Na Fé todo inflamado assi gritava:
— “Aos infiéis, Senhor, aos infiéis,
E não a mi, que creio o que podeis!” (sic)

Assim animado o Capitão, as conseqüências são essas:

“Cabeças pelo campo vão saltando,
Braços, pernas, sem dono, e sem sentido;
E d’outros as entranhas palpitando,
Pálida a cor, o gesto amortecido.
Já perde o campo o exército nefando;
Correm rios de sangue desparzido,
Com que também do campo a cor se perde,
Tornando carmesi de branco, e verde”.

O contínuo desenrolar de tantas façanhas belicosas, de tantas agonias sofridas, era oportuno que se fizesse repousar o espírito, que se pusesse em cômodo lazer a mente, e Camões apelou para a catarse do Amor, e urdiu aquela história tocante da “mísera e mesquinha, que depois de ser morta, foi rainha”. Da oitava 120 à 135, ouve-se apenas dolorida narrativa, um misto de afeto e desconforto, a história de dois amores infelizes, a história eterna de Inês de Castro, a “linda Inês” que “aos montes ensinava e às ervinhas o nome que no peito escrito tinha”.

Daí por diante, a catarse inesiana se desenrola na música plangente de contrariados afetos, tão infelizes que, adiante, ouve-se o clamar doloroso:

— “Ó Tu, que tens de humano o gesto, e o peito,
(Se de humano é matar uma donzela
Fraca e sem força, só por ter sugeito
O coração a quem soube vencê-la)
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens à morte escura dela;
Mova-te a piedade, sua e minha,
Pois te não move a culpa, que não tinha”.

Soube Camões, com o mistério próprio do gênio, enfeitar de beleza rara o emocional do episódio:

“As filhas do Mondego a morte escura,
Longo tempo chorando, memoraram;
E, por memória eterna, em fonte pura
As lágrimas choradas transformaram . . . ”

Já o Canto 4º é o argumento da guerra. Há um esfusiar contínuo de problemas de governo, entre reis e príncipes, as expedições constantes, D. Nuno, D. João III, Dom Manuel, o cerco de Ceuta, o empreendimento extraordinário da Conquista da Índia. Aí está Vasco da Gama. As despedidas na partida para o desconhecido. É a armada lusa pronta para interrogar os oceanos. É o dolente desabafo do velho do Restelo:

—“Oh glória de mandar! Oh vã cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos fama!
Oh fraudulento gosto, que se atiaça
C’uma aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho, e que justiça
Fazes no peito vão, que muito te ama!
Que mortes! que perigos! que tormentas!
Que crueldades neles exp’rimentas!” (sic)

Aqui enterneceu-se Camões. É o peso do adeus, é a alma portuguesa que se fez presente.

Assim, tem motivos para dizer Hernani Cidade: “N’ “Os Lusíadas”, mais de uma vez, uma erupção lírica quebra de sua clara vibração satírica ou de sua plangência penetrante, a sonoridade épica do poema”. (sic) É precisamente o que nos relata a oitava 3a. do Canto 5º :

“Já a vista pouco e pouco se desterra
Daqueles pátrios montes que ficavam:
Ficava o caro Tejo, e a fresca serra
de Cintra; e nela os olhos se alongavam.
Ficava-nos também na amada terra
O coração, que as mágoas lá deixavam;
E já depois que toda se escondeu,
Não vimos mais enfim que mar e céu”.

O começo da ingente derrota se desenha, enfrentando um mar misterioso, cheio de

“Súbitas trovoadas, temerosas,

Relâmpagos que o ar em fogo acendem;
Negros chuvaeiros, noites tenebrosas,
Bramidos de trovões, que o mundo fendem,
Não menos é trabalho, que grande erro,
Ainda que tivesse a voz de ferro". (sic)

Aparece-nos, agora, o caso perigoso e ao mesmo tempo alegre de Fernão Veloso, que, salvo das mãos dos mouros, conseguiu chegar ao barco que o esperava.

Até que, por fim, após cinco dias de viagem,
"Quando uma noite estando descuidados,
Na cortadora proa vigiando,
Uma nuvem que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças aparece.
Tão temerosa vinha, e carregada,
Que pôs nos corações um grande medo:
Bramindo o negro mar, de longe brada,
Como se desse em vão nalgum rochedo".

A belíssima ficção de Camões no Adamastor gerou um clima narrativo, envolvendo o Cabo das Tormentas nesse véu de estória de assombração os fatos reais de dominar a célebre ponta da Boa Esperança. Mas o espírito do Épico, afeito a graças e imaginações, enfeitou, com essa catarse magnífica o passo da derrota marítima em busca das Índias.

Assim é que, em vez da montanha que balisa o final das terras africanas, veio o disfarce, o encantamento, porquanto uma figura

....."uma figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandíssima estatura,
O rosto carregado, a barba esqualida;
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a cor terrena e pálida;
Cheios de terra, e crespos os cabelos,
A boca negra, os dentes amarelos".

A própria assombração identifica-se, à pergunta angustiada de Vasco da Gama:

"Eu sou aquele oculto e grande Cabo
A quem chamais vós outros Tormentório;
Quem nunca a Ptolomeu, Pompônio, Estrabo,
Plínio, e quantos passaram, foi notório:

Aqui toda a Africana costa acabo
Neste meu nunca visto promontório,
Que para o Polo Antártico se estende,
A quem vossa ousadia tanto ofende!" (sic)

Mas é aqui que a alma romântica de Camões reveste, numa túnica de amor, a figura temerosa do Adamastor. É a fluida beleza de um coração amoroso. É um gigante, amando. É um gigante apaixonado por uma ninfa. Mais ainda: é o desengano de um afeto de gigante, em frente às escusas da deusa Tétis:

. . . "Uma noite de Dóris prometida,
Me aparece de longe o gesto lindo
da branca Tetis única despida:
Como doido corri de longe, abrindo
Os braços para aquela que era vida
Deste corpo; e começo os olhos belos
A lhe beijar, as faces e os cabelos".

E continua o Poeta a amarga confissão, posta na boca do próprio Adamastor:

"Oh! que não sei de nojo como o conte!
Que crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei c'um duro monte
De áspero mato e de espessura brava.
Estando c'um penedo fronte a fronte,
Que pelo rosto angélico apertava,
Não fiquei homem não, mas mudo e quedo,
E junto a um penedo outro penedo!"

O climax do desengano chega na estrofe 57:

"Ó Ninfa a mais formosa do Oceano,
Já que minha presença não te agrada,
Que te custava ter-me neste engano,
Ou fosse monte, nuvem, sonho ou nada?"

Do Canto 9º ao 10º, corre uma linha suave de preparativos para a chegada gloriosa à Pátria. São o prêmio e a catarse.

Como ponto central dessas atividades avulta a ilha dos Amores, a ilha que Tétis construiu no mar. É o fim de bombardas e de lutas bélicas. É o prêmio à soldadesca lusitana, após tantas refregas, "tantas vezes a morte apercebida":

“Cortando vão as naus a larga via
Do mar ingente para a pátria amada,
Desejando prover-se de água fria
Para a grande viagem prolongada;
Quando juntas, com súbita alegria,
Houveram vista da ilha namorada” . . .

.....
“Mil árvores estão ao céu subindo
Com pomos odoríferos e belos;
A laranjeira tem no fruto lindo
A cor, que tinha Dafne nos cabelos” . . .

Em mais de dez oitavas está, pomposamente descrita, a ilha deliciosa, até que, afoito, de súbito:

“Dá Veloso espantado um grande grito:
Senhores, caça estranha, disse, é esta:
Se inda dura o Gentio antigo rito,
A deusas é sagrada esta floresta”.

Esta segunda metade do Século XX sente, de perto, hoje, a pessoa de Luís Vaz de Camões. Quatro séculos passaram pela memória de sua morte, morte de sofredor, de abandonado, de pobre, porque são sempre assim as coisas deste mundo.

Mas Camões libertou-se da lei da morte.

Decerto hoje dezenas de pessoas desfilarão ao pé de um túmulo de mármore, na igreja dos Jerônimos, em Lisboa. Sobre ele, esculpida também em mármore, a figura de um homem, mãos postas sobre o peito, uma coroa de louros na cabeça.

É Camões.

Para ele, duas pátrias se inclinam reconhecidas, quatro séculos recordam sua generosidade:

“Para servir-vos, braço às armas feito;
Para cantar-vos, mente às musas dada”.

A voz do épico e do lírico é ouvida agora com especial harmonia.

O Evangelho de hoje fala-nos da luz que brilha, proveniente do Sermão da Montanha. Luz que, a despeito das negações, ilumina a criatura inteligente.

Há uma luz, também neste Centenário. Há uma luz projetando-se nas páginas literárias do mundo latino.

Camões é vivo!

CURIOSIDADES DA POESIA LUSO-BRASILEIRA

Deusdedit Araújo

Vamos falar de poetas e de poesia. Vamos começar pelo livro máximo da língua — Os Lusíadas e por seu poeta máximo — Luiz de Camões.

Para grande parte da juventude de hoje Camões é um chato (adjetivo muito do gosto do Pe. Antônio Vieira). Para os entendidos, é um poeta universal, um dos maiores épicos de todos os tempos, o maior lírico do século XVI, o maior clássico da língua.

Glorificado depois de morto, teve uma vida inglória e infelice (como se dizia no seu tempo). Infeliz na vida, infeliz nos amores. Esteve preso, emigrou para as Áfricas, onde, de tão pobre “vivia de amigos”. Lá perdeu o olho direito. Perdeu também um precioso livro de poesias — “Parnaso de Luiz de Camões”. E quase perde “Os Lusíadas”, que ele salvou, ao naufragar no rio Mecom.

Finalmente voltou à sua “ditosa pátria minha amada”. E ali, apesar da tença anual de 15 mil réis, viveu e morreu miseravelmente, nem se sabe como nem onde. Seus supostos restos jazem nos Jerônimos, ao lado de Vasco da Gama e próximo a Herculano.

LUIZ VAZ DE CAMÕES

Há muitas dúvidas e obscuridades sobre o grande épico. Sobre suas origens, o lugar em que nasceu, o dia do nascimento (porque o da morte se sabe — 10/06/1590), os amores, as duas ou três Catarina, a infanta D. Maria . . . Mas a que ele decantou mesmo foi Natércia. Natércia — anagrama de Catarina. Ou melhor, de Caterina.

Seu último grande desgosto foi encontrar Portugal invadido, derrotado em Alcacer Kibir, dizimado pela peste e imerso naquela “austera, apagada e vil tristeza”.

AS FONTES DE CAMÕES

Como é que há quase 5 séculos, numa época em que a língua ainda não dispunha de livros, Camões conseguiu armazenar tanta erudição?

É preciso notar que a primeira edição de Os Lusíadas é de 1572 e que o primeiro dicionário da língua portuguesa é de 1570, e que só 4 anos depois do lançamento do Poema, apareceu a primeira gramática portuguesa, de Fernão de Oliveira.